



**KAPHONHA
WA PWO**

COMO SERIA UMA REVOLUÇÃO?

GILBERTO CHICANHA

KAPHONHA WA PWO

COMO SERIA UMA REVOLUÇÃO?

NÃO TEM NENHUM CÓDIGO DE SEGURANÇA, SÓ PRECISAS ABRIR E LER.

Autor: Desconhecido.

GILBERTO M.P. CHICANHA

Ficha Técnica:

Título: KAPHONHA WA PWO (COMO SERIA UMA REVOLUÇÃO?)

Autor: Gilberto M.P. Chicanha

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA "

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Lubango, 2020

Índice

Agradecimentos	6
Dedicatória	7
Prefácio	8
CAPÍTULO 1	10
CAPÍTULO 2	12
CAPÍTULO 3	18
CAPÍTULO 4	21
CAPÍTULO 5	23
CAPÍTULO 6	25
CAPÍTULO 7	28
CAPÍTULO 8	30
CAPÍTULO 9	33
CAPÍTULO 10	36
CAPÍTULO 11	40
CAPÍTULO 12	43
CAPÍTULO 13	49
CAPÍTULO 14	52
CAPÍTULO 15	54
CAPÍTULO 16	57
CAPÍTULO 17	60
CAPÍTULO 18	63
CAPÍTULO 19	67
CAPÍTULO 20	71
Sobre o Autor	74

Agradecimentos

Este é o meu primeiro livro, o primeiro que eu termino, o primeiro que me apaixonei, o primeiro que eu realmente me envolvi, me entreguei, me frustrei, porém, amei cada fase.

Agradeço à minha família, aos meus amigos que não gostam de leitura. Agradeço a Idassi Costa por me ter apoiado, ao Marivaldo Cristóvão, ao Domingos Mateus Miguel, ao Rodrigues Lutenda Conde, à Emingalda de Fátima Soares Bravo que não parava de me apoiar e incentivar, mesmo nunca tendo me visto. Agradeço aos membros do Colectivo Reflexos por me terem apoiado desde o princípio. Um agradecimento especial ao Senhor Abílio Lupenha, professor Universitário e linguístico, que me ajudou a fazer a edição do livro. Por último agradeço a todo mundo que me apoiou incondicionalmente, amo-vos muito.

Dedicatória

Este livro aos ikonoklastas, aos que lutam contra a opressão, à todos quanto são subversos aos sistema.

Por uma Angola melhor.

Prefácio

Cuidado com os raivosos, cuidado com os incompreendidos! Muito cuidado com aqueles que se levantam em tempos de crise moral! Prestem atenção no que digo muito cuidado! Cuidado com aqueles que abandonam sua sensibilidade mas nunca sua intelectualidade, cuidado com aqueles que não se cagam de medo, aqueles que estudaram vossos métodos, aqueles que com seus próprios pés correm da massa de obscurantismo que vocês muito se esforçaram para criar. Pois eles vos vêem como realmente são, eles já não suportam vossas palavras ludibriadoras, olhes não suportam olhar em vossos olhos, em vossas bocas, em vosso corpo grudento de gorduras excessivas, eles descobriram que a verdade é apenas uma invenção criada pelos detentores de um determinado sistema, e já não conseguem mandar goela abaixo vossa dita verdade, eles representam aquilo que vocês temiam, aquilo que vocês tentaram sabotar limitando seus horizontes, eles são aqueles que a malária não matou, aqueles que a fome transformou, aqueles que a debilitada educação não sabotou, aqueles só a ira se esvaziou amparou. Muito cuidado com esses...

CAPÍTULO 1

O breu dominava esta parte da cidade. Ninguém conseguia entender como um país com tantos rios e sempre a inaugurar barragens elétricas, nunca tinha energia nas ruas e nas casas das pessoas. Bem! Isso não nos interessa.

Nenhuma alma perambulava as ruas nesta madrugada e o silêncio seria tão ensurdecedor se a discoteca kanawa não estivesse tocando músicas para 400 pessoas cujos 300 nem se faziam presentes.

A dois quarteirões da discoteca estava situado O MUSEU NACIONAL DA CULTURA COKWÉ, que há dois anos vinha se preparando para a sua reabertura. O museu nacional da cultura cokwé havia sido privatizado pelo governo angolano, a favor duma equipa europeia especializada em explorar as culturas africanas. A notícia parou o país, causou uma greve que teve duração de dois meses, um acontecimento atípico para um país que punia quem tivesse o ensejo suficiente para manifestar a sua insatisfação face às acções do governo e, puniu.

“É inadmissível venderem ao branco o que é dos pretos - diziam os aativistas furiosos. - Como é que o ministério da cultura não faz nada quanto a isso”.

“Eles já fizeram - ripostavam outros. - Fizeram tanto que até venderam o nosso museu”.

Milhares de pessoas se empertigavam nas ruas com cartazes enormes protestando a privatização, a mídia e a imprensa reportavam os acontecimentos das ruas e a polícia espancava os manifestantes... - são ordens superiores. - Diziam os policiais cheios de soberba quando os repórteres lhes perguntavam o porque de tanta violência.

Em frente ao museu havia um furgão preto da Mercedes-Benz Sprinter, parado.

Era atípico ter um carro parado em frente ao museu durante o dia desde a greve do ano passado, então durante a noite, os seguranças tinham autorização de disparar ou chamar a polícia sempre que vissem qualquer carro parado no local.

O SEGURANÇA do museu abriu a porta que dá acesso à rua, desceu três degraus até a calçada. Desprendeu a sua lanterna que estava presa no porta-cinto da sua calça, piscou a luz duas vezes para o furgão que se encontrava do outro lado da estrada e logo em seguida um homem alto, musculoso, usando um capuz e uma máscara que lembrava a mwana pwo mas não era essa era simples demais. A mwana pwo é feita de madeira e fibras vegetais, ornada na face com tatuagens. Nesta não havia fibras, não era feita de madeira e não havia tatuagens no rosto, uma cópia mal feita. O homem desceu do carro carregando duas sacolas, uma cheia de aparelhos electrónicos e a outra vazia.

_ Cappa estás na escuta – indagou O SEGURANÇA assim que recebeu a sacola com os aparelhos electrónicos e colocou um auscultador minúsculo no ouvido direito.

_ Eu sempre estou, chefe. – Respondeu uma voz feminina.

_ Tudo bem, nos vemos em breve.

O furgão arrancou, fez a primeira curva à sua direita e desapareceu. O segurança e o homem musculoso, encapuzado, que mais parecia o segurança do SEGURANÇA, ficaram a encarar a neblina deixada pelo furgão que Cappa estava conduzindo, entreolharam-se estufando o peito e adentraram no museu.

CAPÍTULO 2

_ Por onde começamos? – Perguntou Pambu Dikolo

_ Vamos ao encontro da melhor hacker do mundo – respondeu Tchilonda Muthue. – Precisamos atirar algumas merdas ao ventilador.

_ Para aonde?

_ A sul da cidade, ela já está a nossa espera.

Os dois subiram no SUV compacto versão 2020 e avançaram em direcção a sul da cidade.

A arquitectura do bairro alto era arcaica, desgastada. O bairro era tão cinzento que os moradores pareciam estar num filme feito nos anos 70, preto e branco, mas sem o glamour de Hollywood.

O SUV estacionou em frente a um edifício de 7 andares que não fugia dos padrões do bairro. O semblante de Tchilonda Muthue ficou sério ao deparar-se com aquela angústia. A fome e a miséria andavam de mãos dadas nessa parte da cidade, aonde as crianças eram constantemente paridas pela desolação e engravidadas pela anemia.

_ Como é possível um assassino sem coração comover-se com o sofrimento de algumas pessoas?! – indagou Pambu Dikolo.

_ Tal... vez... - titubeou. - Ele não seja um assassino... - respondeu Tchilonda, sem tanta convicção.

Em frente ao SUV havia duas senhoras lutando por um pedaço de pão seco, cheio de bolor. A luta desenfreada continuava sem ninguém importar-se com as duas maltrapilhas. Os seus companheiros andarilhos continuavam bicando o lixo na esperança de encontrar alguma coisa que os livrasse da fome.

Depois de cinco minutos que pareciam uma eternidade, as duas caíram no chão derrotadas pelo cansaço, trocaram olhares durante algum tempo e depois

caíram na gargalhada. Dividiram o pedaço de pão embolorado, levantaram do chão deixando o pó pra trás e puseram-se a andar, assobiando alguma melodia de um tempo distante, talvez quando elas eram meninas. Quando a fome não assolava as suas vidas.

_ Isso foi muito estranho. – Disseram os dois atónitos com a cena que acabavam de testemunhar.

_ Elas sempre fazem isso. – Disse uma voz feminina vinda do banco de trás do SUV.

_ Isso é.... Ei... - Exclamaram os dois notando que alguém entrou no carro sem perceberem.

_ Tu não mudas, Kiari Kiembe?! – Indagou Tchilonda Muthue.

_ Só se tu me mudares. – Respondeu ela com um sorriso provocante.

Os dois ficaram a encarar-se durante algum tempo, olhares que transmitiam um emaranhado de sentimentos, desejos reprimidos. Num passado distante houve amor entre os dois, ódio também.

A temperatura do carro superaqueceu com aqueles olhares frenéticos, repletos de tesão. Um tesão tão espesso que dava pra sentir os dois a despirem-se sem se tocarem. A névoa excitante dissipou-se quando Pambu Dikolo estendeu a mão e disse:

_ Eu sou Pambu Dikolo ... O braço direito do chefe...

_ Eu sou a Kiari Kiembe, muito prazer Pambu.

Kiari Kiembe nascera na clínica central da capital assim como qualquer criança nascida em berço de ouro. Crescera com as peças de roupas mais caras que o homem pode tecer. Lambuzou os melhores pratos de comida, feitos pelos cozinheiros particulares. Os melhores professores, a melhor educação e os melhores colégios sempre fizeram parte da sua vida. Ela era a princesa do país para toda mídia e imprensa falsa que faz de tudo para ter ou criar notícia.

A família Kiembe era resguardada. Não se sabia mais do que permitiam, porém, um vídeo amador com duração de dez minutos apareceu nas redes sociais. Não havia som no vídeo, apenas duas pessoas conversando, no começo. Kiari Kiembe e o homem de porte físico intimidador que dava as costas para a câmara. Kiari Kiembe parecia desconfortável, após ela abrir a boca e balbuciar alguma coisa que parecia - Eu não quero papai - foi forçada a deitar-se na cama pelo homem que em seguida trepou para cima dela dando-lhe chapadas no rosto e forçando-a a tirar a roupa. Kiari tentou debater-se algumas vezes mas levou um soco do estômago tão forte que ela não voltou a mexer-se, apenas encarava com lágrimas nos olhos o homem lhe despia com agressividade, já não poderia fazer nada.

O homem saiu de cima dela, despiu-se ainda dando as costas para a câmara. Após alguns minutos observando Kiari a contorcer-se na cama, ele virou-se para a câmara com um sorriso de escárnio, levantou o polegar para a câmara e voltou para cima de Kiari Kiembe, penetrando-a, tocando-lhe com vontade, Kiari não fazia nada, apenas contorcia-se, sem movimentos bruscos, limitara-se a grunhir em silêncio, apenas lágrimas. Talvez porque ela sabia que a justiça nunca seria feita no caso dela. Talvez porque a justiça nunca iria perguntar ao grande general Kiembe porque ele estuprou a filha e ainda teve a coragem de filmar. Talvez porque ela sabia que o pai faria aquilo mais vezes, e não havia justiça que lhe poderia livrar daquela dor, daquele fatídico enredo, daquele sacrifício.

Quando o vídeo apareceu na internet, foi difícil conter o alarido em volta dele, opiniões divergentes surgiam todos os dias. Alguns diziam que Kiari era a culpada de tudo por ter seduzido o pai todos os dias com aquelas roupas curtas e apertadas que ela sempre usava, outros diziam que a vítima era a Kiari e que a sociedade estava a distorcer os factos pensando e permitindo argumentos misóginos como aqueles que aparecerem nos veículos de comunicação.

Kiari Kiembe apercebeu-se do vazamento do vídeo uma semana depois, quando um grupo de meninas entrou na turma dela e começou a ofender-lhe. Ela não entendia o motivo de elas estarem tão furiosas, tentou desvencilhar-se do grupo mas ficou sem força quando uma garota a agarrou pelo braço e bufou:

_ Tu és uma vergonha para todas mulheres, como foste capaz de dormir com o Seu próprio pai e ainda se fazer de vítima? Tu és uma fingida Kiari, puta de merda.

A garota que estava na diagonal de Kiari levantou a sua mão direita e pressionou o lado esquerdo do rosto de Kiari com tanta veemência que Kiari teve que apoiar-se na carteira ao lado para não cambalear.

As meninas continuaram a atacar Kiari que não revidava, só sentia, engolia. As agressões verbais e físicas que ela sofria pareciam ser uma punição, pelo que ela era, pelo que ela fez, pelo que ela foi forçada a fazer, é justo?

Aquela toda agressão só terminou quando Tchilonda Muthue rompeu as meninas que agrediam Kiari e essas rolaram para o chão, ofendendo o casal com tudo o que elas conseguiam lembrar-se no momento, mas bateram em retirada. Era difícil agredirem o Tchilonda, a sua presença era a personificação de problema sério.

_ Me deixa lhes bater?

_ Não.

_ Então você devolve o que elas te fizeram.

_ Não quero. – A voz de Kiari falhava, lágrimas corriam, os punhos cerrados indicavam frustração. Por sua impotência. Por ter nascido mulher. Por ter nascido na família Kiembe. Por não conseguir se defender. Por ser fraca. Por precisar que Tchilonda Muthue sempre apareça para lhe defender, logo ele, o menino do interior sem família que entra em tudo que é confusão no colégio. Como Ela pode se envolver com um indivíduo tão diferente da sua família? A sua

família podre que tem um Senhor doentio que abusa das filhas. Esse último pensamento quase a cortou o peito, os grunhidos intensificaram-se. _ Eu mereço tudo isso. _ Disse por fim quando conseguiu recuperar o fôlego, mas não deu tempo de Tchilonda responder, pegou nas suas coisas e partiu.

O bullying continuou até que Kiari parou de frequentar a escola. O que mais há na cidade capital são escolas e professores particulares dispostos a receber o dinheiro dos Kiembe e fingir que o vídeo nunca foi publicado e nunca chegou aos olhos, às mãos e bocas do povo. Ao se despedir de Tchilonda Muthue, ela quis expressar tudo o que sentia em apenas uma frase, sabia que a possibilidade de voltarem a estar juntos era ínfima, queria dizer uma típica frase clichê que nos transmite a ilusão de grandeza mas não conseguia achar nenhuma, disse apenas:

_ A sociedade é insuportável, doentia, falsa. Seja o oposto dela.

_ Eu irei resolver isso, prometo. – Gritou Tchilonda quando a namorada estava fechar a porta da limosine que vinha sempre à sua busca.

_ Espero que um dia alguém consiga... – disse Kiari após a limosine partir.

-

Espero que alguém consiga...

O general Kiembe não foi responsabilizado pelo estupro, afinal, o sistema estuprava a sociedade durante séculos e ninguém abria a boca para reclamar. Dois meses depois do vazamento do vídeo o general Kiembe, foi encontrado morto no seu escritório, sentado na cadeira de madeira que mais parecia um trono, com um pedaço do seu pênis na boca e uma carta na escrivaninha escrita com o sangue que jorrava do membro mutilado.

'Aquele que se aproveita de uma mulher é um lixo. mas aquele que se aproveita da sua própria filha é pior que lixo'.

O SEGURANÇA

O país parou mediante ao assassinato macabro, todo mundo queria saber quem era 'O SEGURANÇA'. Os melhores detectives foram chamados para solucionar o caso mas não havia pistas. A única certeza que se tinha é que - O SEGURANÇA - fez justiça em nome de Kiari Kiembe, talvez se conhecessem, talvez ela fosse 'O SEGURANÇA', mas não havia provas.

CAPÍTULO 3

_ Então... - disse Kiari Kiembe. - Por onde começamos?

_ Vamos acabar com essa ditadura. - Respondeu Tchilonda Muthue.

_ Qual será o primeiro passo? - Questionou Pambu.

_ Antes de mais nada... - Disse Tchilonda Muthue. - Dikolo nos leve ao armazém.

Pambu Dikolo arrancou o carro e dirigiu em direcção ao centro da cidade, aonde se encontrava o armazém abandonado construído no século passado por uma família portuguesa.

_ Matar ou morrer? - Indagou Kiari Kiembe sem conter a euforia que aquilo lhe transmitia.

_ Matar ou morrer! - Responderam os dois em coro. E assim estava selado o pacto. A partir daquele momento já não havia volta e os três estavam confortáveis com a situação.

_ Eles vão nos matar. - Disse Pambu Dikolo.

_ Eu estou a contar com isso. - Respondeu Tchilonda Muthue com um sorriso no rosto.

Tchilonda Muthue nascera no leste de Angola, Moxico. A mãe morrera depois do seu nascimento por motivos que a ciências não conseguia explicar. - É wanga. - Diziam os vizinhos experts em matéria de ocultismo. Tchilonda Muthue cresceu ouvindo estes testemunhos e suportando o desprezo do pai que o culpava pela morte da esposa.

A família Muthue era uma das mais poderosas da cidade. - Esses são perigosos - sussurravam as pessoas. - Têm contracto com o diabo branco.

Os Muthue eram a família mais antiga da província, fundadores da cidade que enriqueceram com o artesanato e perduraram durante muito tempo, enquanto os outros não enriqueceram e nem perduraram.

Aos 14 anos depois de ter levado uma surra do seu pai, sem motivo aparente, Tchilonda Muthue acordou naquela madrugada fria. Impávido. Espalhou combustível em toda casa e ateou fogo, com o seu pai dormindo no quarto próximo ao seu, feito um anjinho, ou um diabinho. Dependendo da boca que transmitia a informação. – Homens maus são mortos por homens bons. – Pensava Tchilonda Muthue observando o fogo consumir tudo que encontrava à frente.

Os bombeiros foram chamados, mas chegaram no local uma hora depois de o incêndio ter-se espalhado pela casa toda. A casa já havia sido reduzida em cinzas e com ela, o pai de Tchilonda.

O relatório do incêndio dizia que o fogo foi provocado por um curto-circuito na rede eléctrica da casa. – Eles nunca irão descobrir velho. – Dizia Tchilonda para si mesmo. – Pelo menos nisso tu tinhas razão, eles são incompetentes.

_ Então chefe – disse Kiari Kiembe assim que chegaram ao armazém. – Qual é o plano?

O armazém era enorme, tinha três pisos e a equipa instalou-se no segundo, aonde tinham compartimentos que poderiam ser usados como quartos e dava uma boa visão para a cidade por intermédio das janelas enormes. A construção data desde o século XIX. Foi construída por um casal de empreendedores portugueses, que conservavam os alimentos extraídos do campo, antes de embarcar para Portugal.

Haviam quatro cadeiras em volta de uma mesa, um quadro com escritas e algumas fotos estavam coladas sobre o quadro.

_ Quando se quer destruir um gigante – respondeu Tchilonda Muthue por fim. – deves ter em conta duas premissas.

_ Quais? – Questionou Pambu Dikolo que só se pronunciava depois de Kiari.

_ 1º- A luta deve ser justa, ou seja, deves crescer até alcançar o tamanho dele, ou deves lhe fazer encolher até o teu tamanho. Mas nós não vamos crescer, vamos lhe fazer encolher.

- 2º- Se tu não o derrubares em menos de 5 segundos, ele vai acabar com a tua vida depois disso.

- O sistema não gosta de gente que pensa, nós só temos que fazer a população pensar, questionar e pressionar toda estrutura governamental que temos.

CAPÍTULO 4

O furgão virou à direita, atravessou dois quarteirões, voltou a virar à direita e estacionou numa rua desértica.

'Acho que aqui estou bem escondida'- pensou Kappa.

A rua estava desértica, não havia luz nos postes e pela hora ninguém poderia passar por aí, não haveria problema, não por enquanto.

- Chefe já estou preparada – disse ela indo para a parte de trás do furgão.
- Acabei de desligar todas câmaras e apaguei as gravações dos últimos 5 dias, voltaste a ser um fantasma, chefe.

Ninguém sabia como era o rosto do SEGURANÇA, apenas os seus companheiros o conheciam. As suas digitais não estavam na base de dados, ele não usava o seu nome verdadeiro, aliás, o seu nome verdadeiro era O SEGURANÇA, repetia isso sempre que um dos seus companheiros sempre que o perguntavam sobre o nome verdadeiro.

O SEGURANÇA era o homem mais procurado do país por causa das mortes que vinha provocando no seio da elite política do país - já era frustrante ter um assassino em série normal, agora ter um assassino em série de políticos era extremamente preocupante – afirmavam os políticos com medo de serem os próximos a serem assassinados. O país estava em alerta máximo desde a primeira aparição do SEGURANÇA.

- Já podem entrar. – Disse Kappa. – Tudo bem, eu tenho olhos em todo sítio chefe.

Kappa cresceu como uma criança precoce, começou a dominar a linguagem de programação quando ainda tinha dez anos de idade. Aos 16 anos desistiu da escola, abandonou a casa dos pais e passou a hackear todo sistema que lhe

poderia dar dinheiro suficiente para viver e comprar os materiais electrónicos de última geração.

Aos vinte anos de idade, Kappa foi pegar depois de invadir e esvaziar as contas do Banco Nacional, todas. Ela transferiu o montante para várias contas antes de sacar e doar para várias famílias pobres que viviam no sul do país. A família Kiembe foi uma das mais afectadas, perdera toda poupança que tinha.

- Não é sobre a família Kiembe... – disse ela assim que os repórteres a foram entrevistar. – É sobre todas famílias que esses políticos matam diariamente, é sobre todos os negócios que nunca nos beneficiam, sobre todas as leis que são aprovadas por deputados que supostamente nos representam, mas nunca pisaram nos nossos bairros, não sabem como a gente vive, não nos conhecem, então sim, eu farei isso novamente.

Depois dessa declaração em público, ficou claro que ela não merecia a segunda chance. Foi condenada a dez anos de prisão, mas não chegou a cumprir nem o primeiro. Passou uma noite na cadeia e no dia seguinte os guardas prisionais encontram uma carta na cela em que ela estava, escrita com sangue.

OS QUE MERECEM ESTAR PRESOS, MORTOS. GOVERNAM O PAÍS...

O SEGURANÇA.

Havia dois homens estendidos no chão da cela com as gargantas escancaradas, perfuradas com um corte transversal. Não havia sangue no chão, nenhum resquício de sangue nos uniformes que eles usavam, no chão ou no colchão que se encontrava na cela. Apenas o sangue na carta. A ferida dos dois estava perfeitamente limpa. Os seguranças mortos não trabalhavam na prisão, ninguém os conhecia.

O caso não chegou a público, a polícia preferiu abafar o caso para não alarmar os populares, senão poderiam ser tachados de incompetentes mais uma vez.

CAPÍTULO 5

A sala principal do museu era extremamente espaçosa, a dois metros da porta de entrada, se encontrava a recepção e em volta da recepção, uma enorme camada de vidro separava as peças de arte, da porta de entrada. Câmaras de segurança com visão noturna e lasers foram instalados no museu para evitar qualquer tentativa de assalto, mas esta noite as coisas seriam diferentes. O Segurança e a sua equipa estavam dispostos a driblar o sistema de segurança do museu.

_ Estamos a postos, Kappa. – Disse o Segurança para o auscultador. Minúsculo em seu ouvido.

_ Sim, chefe. – Respondeu a voz feminina. – O sistema cai em cinco, quatro, três, dois, um... - As luzes do museu se apagaram e a porta de vidro, espesso, à direita da recepção fez um clique e a luz vermelha perto da maçaneta apagou-se.

_ Gigante ... - O Segurança dirigiu-se para o companheiro musculoso ao lado. – Instala os dispositivos.

O Gigante atravessou a recepção e abriu a porta de vidro, que se encontrava destrancada agora. Aproximou-se de uma caixa de vidro que protegia as peças de arte e instalou um dispositivo com a estrutura de um relógio, por cima da caixa de vidro. Repetiu o mesmo processo nas 20 caixas restantes que se encontravam na sala, para além dos quadros, esculturas que se encontravam na parede da sala principal do museu.

_ Está feito, chefe...

_ Agora é só... - comentou O Segurança interrompendo a fala para consultar o relógio no pulso direito e apertar no controlo remoto que tirara do bolso. – E já está. – Ouviu-se um pequeno apito causado pelos dispositivos. As caixas de vidro estilhaçaram-se. Os pedaços caíram em tecidos felpudos que O

Segurança havia colocado em volta dos pilares que serviam como base para pousar as caixas com as esculturas, quando trocara de turno com um dos colegas.

_ Coloque todas esculturas nas sacolas sem fazer nenhum movimento brusco. – Ordenou O Segurança. – Merda... Já não temos muito tempo, o sistema vai restabelecer-se. – Comentou apressando-se para a porta que estava alguns passos à sua esquerda, girou a maçaneta e a porta não abriu, estava emperrada.

CAPÍTULO 6

_ Kappa, a porta não abre.

Dê-me alguns minutos chefe. – A porta tinha uma espessura de cinquenta centímetros, pesava cinquenta quilos. Foi construída para aguentar até a força de uma bomba atômica. _ A segurança que essas portas oferecem é incrível, chefe. O problema delas é que foram construídas com tecnologia de ponta e tecnologia de ponta é o meu nome do meio. _ Terminou com um sorriso no rosto e em seguida um bipe se ouviu na porta. _ Está feito...

_ Vou buscar o que nos trouxe aqui – anunciou para o companheiro que já estava colocando as esculturas na sacola vazia. Ele passou pela porta, desceu as escadas que davam para a cave, onde as peças mais raras e mais antigas eram guardadas.

_ Kappa, tenho quanto tempo? – Perguntou assim que alcançou o último piso.

_ A partir do momento em que colocares os pés dentro da sala – respondeu Kappa. – Terás apenas 45 segundos para encontrares a estatueta Lwena e saíres daí.

Alguns minutos passaram sem os dois dizerem nada, apenas digerindo a informação.

_ Se não estiveres fora da sala antes disso... A porta principal irá se fechar e tu ficarás preso aí.

_ Tudo bem. – Respondeu cronometrando os 45 segundos no seu Cartier Automático banhado em ouro. _ Precisamos de recuperar a estatueta, mesmo que isso nos mate. _ Falou pra si mesmo.

A Estatueta Lwena, conhecida pelos povos Luvale e da maioria do leste de Angola como Kaponya wa Pwo, foi recolhida pelo antigo conservador português do museu do Dundo, José Redina, em 1939, na região de Lumbala.

Lwena fez parte do conjunto de colecções do museu do Dundo, feitas pela família Muthue, que depois foram transferidas para o depósito central do INSTITUTO NACIONAL DO PATRIMONIO CULTURAL, em Luanda e fez também parte do acervo que facilitou a inauguração do museu nacional de Antropologia, a 13 de Novembro de 1976.

_ Tu não consegues hackear esse sistema? - indagou O Segurança

_ Não como eu gostaria – respondeu. – Eu só posso fazer o sistema ter uma queda de 45 segundos. Após os 45 segundos ele é automaticamente ligado.

-- Ok... vamos entrar?

-- Agora, chefe.

O Segurança entrou na sala marcando passos largos para não consumir muito tempo. Não conseguia encontrar a estatueta Lwena naquele labirinto de esculturas, quadros, utensílios de pescas, etc. Continuou procurando a estatueta freneticamente, quase sem respirar. O relógio já marcava 30 segundos consumidos, agora era uma questão de tempo. Literalmente. Para que ele alcançasse o seu objectivo mais antigo. Atravessou uma divisória na cave e avistou ela. A estatueta Lwena. Linda. Negra como ébano. Atraente como o sussurro do mar calmo, num pôr-do-sol preguiçoso.

_ Kappa... - falou baixinho...

_ Estou aqui, chefe.

_ Encontrei ela – disse, quase sussurrando.

_ Que bom, chefe. Agora saia daí já.

Ele segurou a estatueta que estava por cima de uma base de metal, a única escultura que estava numa base de metal. Fácil demais. Não havia segurança, nada protegia a escultura. Ninguém se dá tanto trabalho para esconder uma escultura dos olhos da humanidade para no final de tudo deixar assim, desprotegida. Era estranho. Um mau presságio. Mas não havia tempo para analisar a situação toda e o relógio já marcava 41 segundos. Ele tinha que sair daí o mais rápido possível. Atravessou a divisória da cave correndo, quase chegando na porta que dava acesso às escadas, tentou aumentar a velocidade, mas foi interrompido por um som estridente. – Um mau agouro - pensou ele.

_ Filha da puta. – Exclamou.

CAPÍTULO 7

O Detective Paulo Novais assustou quando viu a Márcia Abrantes entrar na sua sala sem bater a porta. Ela estava com uma expressão de pânico, respirava rápido demais.

- Respira fundo – disse ele para ajudar a colega. – O que aconteceu?

- O MUS... - Engasgou-se. – O museu está a ser assaltado. – Disse quase que na velocidade da luz.

- Merda.

O Detective já estava com problemas demais para ter mais um, tinha que apanhar o aspirante a justiceiro que insistia em se chamar de SEGURANÇA. Estava à beira de um divórcio por nunca estar com sua família. Ele sabia que a família era mais importante que o trabalho, mas não poderia deixar o SEGURANÇA fazer o que quisesse com a sua cidade.

- Sabemos quem é o assaltante?– indagou ele enquanto se trocava.

- São.. – Márcia Abrantes engoliu em seco ao ver aquela cena. Não era o melhor momento para ela fantasiar com o seu chefe, mas isso não a impedia. – A gente ainda não sabe quem é o assaltante.

- Já conseguiste entrar no sistema?

- Estou tentando...

O Detective parou de se vestir, virou para encarar a sua subordinada que continuava parada na porta, estava mais calma agora, mas não deixara de estar inquieta. Foi a primeira vez desde que o Paulo Novais foi nomeado como

comissário da polícia nacional que ele ouvira a Márcia Abrantes a dizer que não conseguia entrar num sistema, ela era boa no que fazia, talvez a melhor.

Apenas uma pessoa poderia deixar Márcia Abrantes no tapete quando o assunto era informática e essa pessoa nunca mais apareceu, ele pensara até que não existia mais, mas se a Márcia Abrantes estava de mãos atadas é porque ela voltou, não tinha outra explicação.

- Ainda? Porquê? – Questionou. Sabia como Marcia Abrantes se sentia quando Kappa aparecesse, a rivalidade entre elas é antiga, mas ele não tinha tempo para perder. Precisava de respostas e a única com capacidades para lhe conceder as mesmas era a Márcia Abrantes.

- Eu não consigo entrar no sistema do museu, estou sendo barrada a partir do meu computador.

- Então és fraca? Que decepção. – O Detective sabia que ela não poderia reagir sem que alguém a empurrasse, já conviveram tempo suficiente para poderem prever o que cada um estava a pensar. Era rude afirmar que ela era fraca, sabia que não, mas essa a única forma de acordar a sua subordinada.

CAPÍTULO 8

_Vocês sabem quando surgiu a expressão *filho, não fala politica se não vais morrer cedo*? – Indagou o Tchilonda Muthue enquanto discursava para uma multidão constituída por mais de quinhentas pessoas. Se passaram três meses desde o seu último discurso, desde que recebera a última ameaça.

Recentemente havia sido convidado para discursar na abertura da primeira Biblioteca de Línguas Nacionais. Aceitou o convite com alguma relutância e pedira à direcção para que não mencionasse a sua presença fora do grupo que fazia parte da organização do evento, mas não aconteceu deste jeito, os inimigos sempre estão um passo à nossa frente.

– Depois Do dia 27 de Maio de 1977.

O público entreolhou-se, o pânico automaticamente instalou-se na sala. Atónitos. Certamente eles sabiam que Tchilonda não media as suas palavras. As pessoas o conheciam por ele ser audaz, mas não tinham noção que ele falava até do assunto proibido no país. Este assunto tornara-se proibido até para os que viveram o 27 de Maio. Por algum motivo inexplicável as pessoas que ousassem em debruçar-se sobre este assunto sumiam.

-Cala a tua boca.- Gritou alguém na plateia. Tu não sabes o que falas, seu charlatão.

As pessoas viraram para olhar quem estava gritar, de quem era aquela voz carregada de ódio, notava-se que era pessoal, ou talvez não, mas o homem que gritava, que agora se encontrava em pé, apontava o dedo em riste ao Tchilonda e o acusava de ser assassinato, mentiroso e egoísta.

- Tu não lutas pelo povo, Tchilonda. – continuou ele. – Tu lutas pelo Teu próprio ego... Tu és uma grande farsa, um mentiroso.

As pessoas não sabiam o que falar, murmuravam algumas coisas mas paravam, queriam ouvir o que o homem tinha para falar. Olhavam para o homem e depois para o Tchilonda, ouviam novamente o homem desconhecido e depois voltavam para o Tchilonda, para ver a reacção dele. Tchilonda não esboçava nenhuma reacção, estava calmo, muito calmo. Ouvia o homem com um sorriso no rosto, parecia feliz com aquela afronta.

- Sr. Pascoal. – Disse Tchilonda dirigindo-se para o homem que estava soltar a sua cólera para tudo que é lado. O público voltou a encarar o Tchilonda, atónito. Afinal eles se conhecem...

- Não diga o meu...

- Cale a boca, sr. Pascoal – disse o Tchilonda ainda com o sorriso no rosto. – O senhor acusou-me sem mostrar nenhuma prova, então eu tenho que defender a minha honra. Mas antes de desmentir o que o sr. Pascoal disse eu vou contar uma estória.

- Eu me tornei activista político faz pouco tempo, acho que vocês acompanharam o meu crescimento e os problemas que eu tive com a justiça por causa das declarações que eu tenho feito e o mais engraçado nisso tudo é que de todas ameaças que eu acabei recebendo durante este período, o sr. Pascoal, que hoje tem a ousadia de me difamar, é que esteve ao encargo de me fazer calar.

A plateia não se mexia, estava quieta, atenta ao que o Tchilonda dizia. O Sr. Pascoal continuava de pé, furioso por não dizer tudo o que tinha pra dizer, furioso porque a sua voz não abafava o som das colunas que instalaram no recinto, furioso porque agora as pessoas sabiam que ele estava a fazer aquilo só para sabotar a apresentação de Tchilonda.

Tchilonda continuou a descrever os acontecimentos mediante uma narrativa serena, contagiante. Falou que sofrera um atentado recentemente e

que o sr. Pascoal estava envolvido, levantou a t-shirt para mostrar o ferimento provocado por uma bala. Disse que a polícia não encontrou o responsável pelo disparo mas ele sabia que havia sido o sr. Pascoal porque o mesmo estava a seguir-lhe dias atrás, lhe enviara uma mensagem dizendo que ele era um homem morto se voltasse a aparecer em público.

Quando Tchilonda Muthue acabou de falar o sr. Pascoal já não se encontrava na sala. Teve que sair em disparada quando sentiu que o público começara a ficar animado, estava irritado e queria descontar a raiva nele por tudo quanto o Tchilonda tem passado.

- Morte aos políticos – alguém gritou na plateia a dessa vez, todos seguiram em coro. O discurso que Tchilonda preparara para a abertura da primeira Biblioteca de Línguas Nacionais havia sido arruinada, mas aquilo valia a pena, o facto de as pessoas unirem-se para o proteger. Será que lhe protegeriam quando ele mais precisasse, quando o seu passado viesse à tona.

CAPÍTULO 9

Luzes vermelhas piscavam em todo museu sinalizando emergência. Um som estridente, quase metálico, ficava repetindo sem parar. O SEGURANÇA saiu da cave correndo, os pulmões quase saindo pela boca. Por pouco ficaria preso se não apertasse os passos e saísse da cave antes da porta se fechar. – Essa merda não deveria ter acontecido - repetia essa frase para si mesmo como se fosse um mantra.

_ Kappa – chamou. – Activa o plano B agora.

_ Já está sendo executado chefe.

O SEGURANÇA detestava recorrer aos planos secundários. Preferia apostar tudo numa única ficha e fazer as coisas acontecerem conforme a sua vontade. Após ele ter assassinado seu pai, jurou que nunca mais deixaria nenhum adulto abusar de crianças indefesas. Principalmente quando essas crianças fossem seus filhos. O SEGURANÇA crescera com um pai bêbado que o queimava com velas sempre que chegava em casa. Numa bela noite, cansado de ser queimado pelo pai, acordou de madrugada e colocou fogo em casa, queimando o pai vivo.

Anos depois, ele ouviu sobre um general chamado Kiembe que estuprou a própria filha e ainda foi petulante o suficiente para registrar aquele acto hediondo. O vídeo apareceu na internet dias depois. Quando o sr. Kiembe apareceu na televisão, disse que não tinha dívidas com a justiça e que ele era a justiça. Essa frase irritou tanto o Segurança que ele se viu na obrigação de fazer alguma coisa, alguma coisa que livrasse a menina e a sociedade de um homem tão desprezível.

Depois de ter ouvido o General Kiembe ter afirmado tal coisa, ficou claro para O SEGURANÇA que a justiça não faria nada para salvar a garota. Arranjou formas de ser contratado como jardineiro da mansão Kiembe. Tornou-se no faz tudo, um filho de carpinteiro tinha que saber se virar com trabalhos que exigiam as mãos de um homem e, ele soube. No mesmo mês, ascendeu de Jardineiro para barman particular do general. Baptizou todas bebidas com kiangu. Ervas que crescem no leste de Angola. Quando usadas em grandes doses podem

derrubar até um toro e são totalmente indetectáveis pela ciência, uma morte na hora sem deixar rastros.

O Segurança ligou para a mansão Kiembe uma semana antes de executar os seus planos, dizendo que não poderia aparecer por motivos de saúde, foi ao hospital fazer consultas, entrou em farmácias que usavam câmaras de segurança para poder ser filmado. Durante a noite entrava de penetra na mansão para controlar se a garrafeira do general havia sido tocada. O General Kiembe era o único que bebia em casa então não havia o risco de outra pessoa morrer no seu lugar e estragar todo o seu plano. Numa noite o General Kiembe entrou no escritório pedindo para não ser incomodado e quando O SEGURANÇA foi espreita-lo, notou que o copo na mesa estava meio cheio e o general já não respirava. Entrou no escritório com um sorriso no rosto, fechando a porta com cuidado atrás de si. Colocou dois dedos no pescoço do general e confirmou a morte. Baixou a calça do general devagarinho e com a tesoura que ele carregava no bolso cortou o pénis do general Kiembe. Abriu a boca do general e colocou a glande entre os seus dentes. Escreveu uma mensagem num papel com o sangue que jorrava do membro mutilado do General e colocou o papel na escrivaninha. Apagou os rastros da sua presença no escritório e sumiu da casa.

Quando a polícia interrogou os funcionários da casa, ele também foi interrogado, mas as receitas médicas e as imagens captadas por várias câmaras de diferentes farmácias o livraram do crime. Sem mencionar que o crime aconteceu de noite e neste período ele estava a dormir, pelo menos foi o que a sua vizinha afirmou quando os policiais interrogaram as pessoas próximas a ele.

_ Trouxas - dizia ele sempre que saia da cadeia sabendo que os policiais não sabiam de nada. Depois de alguns meses, o caso foi arquivado. Já não havia mais nada a se fazer e os detectives que trabalharam no caso sumiram sem deixar rastros.

_ Kappa cadê o Gigante? – questionou O Segurança assim que chegou à sala aonde havia deixado o companheiro.

_ Ele está esperando o chefe, nos fundos...

_ Diga-lhe para avançar, eu vos encontro.

Passaram-se alguns segundos até que Kappa interrompesse o silêncio, quase incrédulo.

_ Tu não estás a falar a sério? – Disse.

_ Chefe, este não é o plano.

CAPÍTULO 10

Já fazia dois anos deste que Tchilonda Muthue começou a dar palestras, nada mudara. Até parece que as coisas só estavam a piorar. O povo estava cada vez mais esfomeado, cada vez mais segregado, tratado como escória de forma clara. Ele sofrera mais atentados nesse percurso, teve que alterar todo o seu plano inicial por causa da ameaça que Kiari Kiembe sofreu, ele podia permitir que o atingissem de forma directa, atingi-lo por intermédio dos seus companheiros, estava fora de questão, principalmente por intermédio de Kiari Kiembe.

Ameaçá-lo

Sabia que isso poderia acontecer mais cedo ou mais tarde. Desde que incendiara a sua casa com o seu pai dentro dela, que já não se importava quando o ameaçavam. Não era o tipo de homem que fugia quando o inimigo mostrava os dentes, ele era o tipo de homem que se tornava perigoso em situações perigosas, foi o que o pai lhe ensinou. Mesmo sendo o pior pai do mundo, pelo menos teve a amabilidade de lhe ensinar a não ser covarde.

_ Homens covardes são como ratos, então respeita a tua falecida mãe por que ela não pariu um rato. – O Pai repetia essa frase sempre que o espancava por algum motivo frívolo.

Tchilonda Muthue fez o seu primeiro discurso na ilha de Luanda, com o tema: Quem são os verdadeiros vilões, os heróis ou os vilões.

_ Quem são os verdadeiros vilões? - Começou. _ O governo ou os criminosos que não pertencem ao sistema? Quem te transmite insegurança? Os órgãos de segurança ou os dissidentes do crime? Infelizmente nós temos uma força policial que foi concebida para defender os interesses do sistema corrupto. 99% dos agentes que constitui a nossa força policial é analfabeto, esses agentes analfabetos carregam armas, lidam directamente com o povo e, estes agentes

que andam armados, foram formatados a obedecer às ordens dos seus superiores como se fossem ordens de deus. Eu explico...

_ Eles são analfabetos. Os analfabetos andam armados o tempo todo. Esses analfabetos só conhecem as ordens dos seus superiores que pra eles são deuses. Vocês me viram a mencionar a nossa constituição aqui. Porque eu não mencionei a constituição. – fez uma pausa para molhar os lábios com um copo de água. _ Porque a constituição não tem peso, a constituição não é respeitada pelos políticos corruptos que aprovam as leis, a constituição não é respeitada pelos poderosos do país, logo, a constituição deixa de ser conhecida por pessoas que foram formatadas a encarar os generais como deuses.

_ Então, quem é o verdadeiro vilão? Os heróis ou os vilões?

_ Quando um policial mata uma zungueira porque ela estava a vender num local supostamente proibido, quando o governo não arranhou condições nenhuma para que esta senhora zungueira vendesse nos melhores lugares, quem foi o vilão?

_ Quando um policial dispara a queima-roupa a um jovem que supostamente estava a carregar uma arma na cintura, mas depois se constata que era um livro, quem é o vilão?

_ Quando um policial espanca os manifestantes, proibindo-os a exercer os seus direitos, direito esse que está esplanada no artigo 47 da nossa constituição, a mesma constituição que, reitero, não tem peso, é o papel higiénico mais bonito de Angola, quem é o vilão?

_ Existe uma premissa que não tem sido observada pelos activistas. Existe um deputado que aprova as leis sem procurar saber se essa mesma lei beneficiará o povo de alguma forma, existe uma hierarquia que elabora tudo isso. Aqueles que a gente nunca vê nos nossos bairros, nunca os vê a passar as mesmas necessidades que a gente, mas todos os dias estão na assembleia

Nacional para aprovarem leis que supostamente a gente precisa, que irónico, não é?

_ Essa gente que está trancada nos seus condomínios luxuosos assinando leis que fazem os policiais apertarem o gatilho contra a gente, esses são os verdadeiros vilões.

_ Então se esta gente é vilã, porque eles continuam a nos dirigir? E cadê os verdadeiros heróis?

_ Porque entregamos armas para pessoas que volta e meia nos irão matar. Infelizmente isso não irá parar por aqui, muita gente irá morrer nas mãos da polícia e provavelmente eu que vos falo também irei, mas eu prefiro morrer lutando do que viver do jeito que vivo. Eu prefiro morrer de pé. Nisto, diziam os latinos: *Malo morri, quam foedari* (Antes morrer, que pecar).

Houve uma pausa. O público digerira toda informação. Estava atónito com tais argumentos.

- Como pode uma criança ter tais argumentos? – Os mais velhos se questionavam.

Aos poucos as palmas surgiram, ovação por toda parte, sorrisos de satisfação. Muitos felicitavam a audácia de Tchilonda. Era atípico encontrar alguém com coragem suficiente para bater de frente contra o sistema.

O discurso foi transmitido em directo por vários canais de televisão que apoiam as ideias alternativas.

Os canais principais limitaram-se em fazer pequenas reportagens em volta do evento e distorcer os factos. Filmavam algumas pessoas a consumirem álcool e a manchete era: Uma sociedade desregrada seguindo um falso profeta. O rosto de Tchilonda Muthue aparecia pintado de vermelho, dois chifres enormes foram implantados na sua testa.

- Dessa vez foram rápidos – comentou ele com os seus companheiros que riam da imagem que estava estampada nos jornais. O sistema não o queria por perto e eles sabiam disso. Mas aquela imagem tinha alguma piada.

Na noite seguinte, Tchilonda recebeu mais uma ameaça. Um contacto estranho lhe enviou uma mensagem por volta da meia-noite, horário em que ele ficava sem sono. E aquela mensagem lhe tirou todo o sono que restava, se é que existia algum.

“Homens Mortos Não Contam Histórias”.

Sem remetente. Sentira uma onda de euforia invadir o seu âmago, mas depois sumiu. Aquilo não era brincadeira. Estava preparado, claro, mas a sensação de que alguma coisa errada estava para acontecer não o deixava descansar.

Acordara a Kiari Kiembe que estava dormindo do seu lado. Mostrou-lhe a mensagem assim que ela acordou.

_ Já esperávamos por isso. – Comentou ela.

_ Eu sei, mas... _ Conteve-se, talvez por não saber explicar o que sentia, como sentia. Ele sabia que alguma coisa estava errada mas não sabia dizer como, estava impotente, e detestava estar impotente.

_ Vamos dormir. _ Convidou ela. _ Amanhã temos um longo dia.

_ Tudo bem. – Disse... Relutante, mas aceitou o convite.

CAPÍTULO 11

Márcia Abrantes saiu da sala do Detective Paulo Novais irritada, cuspidando fogo para todo o canto:

- Aquele imbecil acha-se superior a todos – murmurava baixando, pisando duro.
– Eu vou lhe mostrar quem é a melhor hacker desta corporação.

Sentou-se no seu lugar irritada, encarando a tela do computador que estava negra. Algumas letras passavam pela tela, sem sentido. Ela pressionou numa tecla e as letras desapareceram, um fundo negro preenchia a tela agora.

Márcia ficou quase sem respirar quando notou o que estava a acontecer, uma luz vermelha no seu computador piscava insistentemente.

- Filha da puta – gritou, chamando atenção dos seus colegas. – Estou sendo hakeada.

Voltou pressionar a outra tecla, e outra, e outras... A tela acendeu, mas ela ainda estava bloqueada, não tinha acesso ao seu próprio computador. Agora pressionava várias teclas de forma ritmada, era uma batalha declarada e ela não tinha a intenção de perder, não depois do detective Paulo Novais ter lhe chamado de burra, não desta forma, mas a chamou de burra.

Os seus colegas fizeram uma meia lua à sua volta, apreciavam a batalha renhida que ela estava a travar. Rugidos de glória nasciam, a plateia estava animada, excitante, não parava de apoiar a colega.

Márcia Abrantes conseguira recuperar a imagem do computador, ainda soltava alguns palavrões, mas também estava excitante com o desafio, ela precisava disso para voltar a ter o respeito dos seus colegas e do Detective. Agitava-se, estalavam os dedos das mãos sempre que desse uma pausa e anunciava as fases que ela iria enfrentar.

- Recuperei o meu computador, porras.
- Agora vou bloquear esse filho da puta para não voltar nessas bandas.
- Bloqueei ela.

Aquele ambiente a fazia bem, trazia recordações gloriosas. Recordações das épocas felizes na faculdade. Quando os sonhos preenchiam maior parte do seu tempo, quando os planos de ser bem-sucedida, a melhor em Engenharia Informática, Infraestrutura de Redes de Computadores e Segurança de Dados. Mas o seu sonho foi destruído quando ela foi contratada para criar um sistema de segurança para o Banco Nacional. Uma tal de *kappa hakeou*, o sistema e desviou todo o dinheiro que se encontrava no banco.

- Hakear aquele lixo foi como beber água – Escreveu alguém que parecia ser a Kappa numa conta anónima do twitter.

Tal afirmação deixou Márcia Abrantes com os cabelos em pé. Chorou por dias. Seu sonho foi destruído por alguém que ela nem se quer conhecia. Nunca a vira. Mesmo quando a Kappa foi apanhada pela polícia, ela não a viu, ninguém a viu, apenas os policiais que executaram a operação de captura.

- Será possível admirar e odiar alguém que nunca vimos? - Ela questionava-se sempre. Pelos vistos foi possível, ela conseguiu achar um meio-termo. Entre o ódio e a admiração, finalmente conseguiu encontrar uma arc-rival.

- Bloqueei-lhe – Gritou ela novamente. – Agora vo... - O seu discurso foi interrompido com sons de tiros.

- Estão a atirar contra nós. – Alguém gritou enquanto saltava para atrás de uma mesa, encolhendo-se no ar e caindo como um gato, com jeito.

Os policiais corriam de um lado para o outro, procurando se agachar no abrigo mais próximo. Um ataque direito ao comando da polícia, ninguém esperava isso.

Dois policiais entraram pela porta principal a correr, mas caíram na recepção, ensanguentados, respirando rápido de mais. Ninguém saiu para o seu apoio, não podiam. Um dos *drones* baixou ao nível da porta e disparava insistentemente. O drone recuou e subiu e o outro veio para o substituir, faziam esse processo várias vezes.

- Alguém sabe parar essa coisa? – Uma voz estranha voltou a questionar.

- Eu sei – Respondeu Márcia Abrantes que se encontrava atrás de um pilar no centro do salão do comando policial. – Mas preciso do meu computador para reprogramar os *drones* e fazer com que eles disparem contra si.

Alguém correu disparado em direcção ao computador que se encontrava na escrivaninha que estava a cinco metros da porta principal, aonde a Márcia Abrantes estava sentada antes do tiroteio ter começado. O homem pegou no computador e voltou com a mesma velocidade quando de repente parou, caiu de joelhos perto do pilar que protegia Márcia Abrantes, entregou-lhe o portátil e depois caiu com a cara no chão, o sangue escorrendo pela boca e pelas costas, aonde as balas o atingiram.

CAPÍTULO 12

_ O que acontece se eu não parar? – Tchilonda não se deixava intimidar facilmente. Nunca permitiu isso do pai dele, não poderia permitir de outra pessoa. Ele encarava isso como uma lei sagrada, deixar-se intimidar é como entregar vitória de bandeja aos seus inimigos.

_ Sr. Thilonda, o senhor não está numa situação que deve negociar, deve apenas aceitar os factos. Terá trinta milhões de kwanzas para recomeçar a sua vida se disser que nunca mais dirá nada sobre n...

_ Eu acho que os Senhores do seu partido são muito burros... - interrompeu. - E não têm mesmo o hábito de ouvir o povo, mas eu volto a perguntar, e se eu não aceitar o que acontece?

- Eu pergunto para você, Sr. Pascoal, até quando nós vamos trabalhar três vezes mais enquanto vocês nos roubam cinco vezes mais e nós vivemos com dez vezes menos? Na minha opinião, Sr. Pascoal, quando tu matas um político corrupto e, em Angola e nós temos muitos, não é um crime, é autodefesa.

O Sr. Pascoal levantou do banco segurando a sua maleta que continha os milhões que seriam do Tchilonda, passou a mão na bunda para limpar o pô. Olhou em algum ponto distante no mar e depois voltou a concentrar-se ao Tchilonda.

- Pelo menos não poderás dizer que a gente nunca tentou, Sr. Tchilonda.
- Subiu no seu sedã e desapareceu.

O Sr. Pascoal aparecia para fazer ameaças, ou enviava mensagens sempre que Tchilonda fosse convidado para comentar algum assunto em programas televisivos, dessa vez não era diferente, Tchilonda fora convidado para falar sobre a identidade cultural africana. Ele recusara, mas a direcção do programa fora persistente.

Ele saía de manhã como sempre fazia para a sua corrida matinal de uma hora.

Saiu sem despedir-se de Kiari kiembe que estava a dormir na sua cama. Pambu Dikolo não se encontrava na cidade, teve uma urgência familiar que o fez ausentar-se, um mês depois de eles terem começado com a sessão de protestos, já fazia dois anos que ele não dava notícias.

Tchilonda desceu a rua e fez a primeira curva à sua esquerda, cogitou em correr pelo quarteirão, mas avançou até a ilha de Luanda que ficava a 20 minutos da sua casa, de carro. Enquanto corria notara que um carro o seguia, Tchilonda fizera duas voltas por um quarteirão que não era o dele e o mesmo carro o seguia. Um Sedã preto que tinha os vidros todos fumados, o seguia. O carro acelerava quando o Tchilonda apertava os passos e reduzia quando o Tchilonda parava, fingindo que estava a atar os seus Nikes Air. Tchilonda Muthue preferiu sentar no calçada e esperar que os homens agissem, já estava claro o suficiente para eles fazerem disparos contra ele, essa possibilidade estava descartada. - Eles querem conversar. - Pensou ele. E estava certo. Um senhor todo rechonchudo desceu do Sedã que estacionara em frente ao Tchilonda. O homem descera do carro com certa dificuldade e dirigiu-se ao Tchilonda. Com a cabeça erguida e a postura de quem está habituado a mandar ou a receber ordens de gente superpoderosas.

Tchilonda deu um sorriso assim que percebeu quem era, Sr. Pascoal. - Mais uma ameaça, sempre- pensara. - Mas mudou de ideia quando notou que o semblante do sr. Pascoal estava diferente. O sr. Pascoal parecia diferente em tudo, o seu humor estava igual ao seu corpo, degradado, pálido, velho, gordo... Tchilonda rira com estes pensamentos e enfim relaxou, não seria nada do que já não tivesse vivido ou ouvido.

- Seja bem-vindo sr. Tchilonda – falou o Jornalista. – O que pode nos falar sobre a nossa identidade, a nossa cultura, de que forma é que a cultura influencia num povo, numa comunidade, numa nação?

- Agradeço pelo convide... - deu uma pausa. – No entanto eu não irei tecer nenhuma opinião de minha autoria hoje, por isso trouxe alguns pensamentos de diversos autores nacionais.

Tchilonda Muthue tirou um pedaço de papel do bolso, desdobrou e começou a ler.

Identidade.

Hábitos e costumes. Características físicas. Desenvolvimento intelectual. Amor pelo que se é e pelo que somos.

Todos estes aspectos estão intrinsecamente ligados à cultura. Ao que o povo tem como cultura. Ao amor que a sociedade nutre pela sua cultura.

O colono sabia disso. Sabia que um povo que valoriza a sua cultura é um povo forte, é um povo unido. Por isso eles destruíram a cultura implementando a sua. Destruíram as crenças africanas e nos deram as suas. Nos chamaram de feiticeiros por usarmos amuletos. Nos disseram que o preto é a cor do pecado e que o branco é a cor de deus, o deus deles. Disseram-nos que os nossos cabelos são feios, que parece esfregão, que não devemos criar o cabelo porque ele é feio. Nos obrigaram a rejeitar, cuspir, abominar a nossa identidade cultural e, conseqüentemente, nos rejeitar.

Mas o problema não acabou por aí. O legado deixado pelo colono continuou. Por este governo que usa as mesmas armas que o colono usou contra nós durante os seus mais de quatrocentos anos de domínio sobre a África. Este governo fascista que menospreza a nossa cultura, que nos faz ter vergonha dos nossos nomes. Que promove políticas de destruição em massa. Que nos faz ter vergonha dos nossos nomes, das nossas línguas, das nossas tradições, da nossa pele, da nossa cultura.

E porque eles fazem isso. Porque sabem que um povo que ama a sua cultura é um povo unido e, um povo unido não aceita ser desrespeitado do jeito que esses políticos corruptos nos têm desrespeitado. Um povo unido não

aceita ser governado por gatunos. Um povo unido não aceita ser assassinado por esta polícia que foi concebida para defender os interesses da entidade empregadora, o interesse desse governo corrupto.

Por isso é que eu não posso cruzar os braços. O sistema é inimigo do povo, é meu inimigo. Eu não posso rir com o meu inimigo, eu devo destruí-lo. E ao contrário do que eles irão dizer quando lerem esta carta, o que eu estou a fazer não é crime. Isso chama-se autodefesa. Eu simplesmente estou a me defender de um sistema que quer me ver morto desde o dia do meu nascimento.

Tchilonda Muthue terminou a sua leitura, voltou a dobrar o papel e colocou no bolso, cruzando as pernas e encarando o jornalista que parecia não entender o que fora aquilo, assim como a plateia de trabalhadores que se formou para ouvir Tchilonda a ler a carta.

- O que foi isso Sr. Tchilonda – questionou o jornalista, recuperando o fôlego.

- O autor desta carta, pede que a população recupere a sua cultura, que ame a sua tradição, que pronuncie os seus nomes sem vergonha, que toque nos seus rostos, nos seus cabelos, nas suas peles com o mesmo brilho nos olhos que têm pelas mulheres brasileiras, mexicanas, indianas, etc. Só desta forma, só se amando é que poderemos enfim nos juntar, nos unir e, só unidos é que poderemos lutar contra esses gatunos engravatados que nos governam.

- Então o Sr. Tchilonda acha que nós não temos cultura e que a culpa é do sistema?

- Eu acho... - fez uma pausa. – Que o povo não tem cultura e se a tiver, não tem amor por ela. Quando eu digo o povo eu não estou a incluir o Sr. Jornalista. Porque o senhor não faz nada para ajudar o seu povo, o senhor não se pronuncia, o senhor está dentro do sistema, o senhor come com os nossos algozes, o senhor faz parte da elite corrupta, está no seio deles, é amigo deles. Então não, quando eu digo o povo não tem cultura, eu não estou a incluir o Sr.

Jornalista, nem a ti e nem aos teus colegas. Sendo sincero vocês causam-me asco.

- Mas o Senhor não pode dizer isso, o que as pessoas irão pensar sobre nós?

- As pessoas irão pensar a verdade, que vocês são todos falsos, lambebotas...

- O senhor está a faltar-me respeito e eu não posso aceitar isso, por favor...

- Não é falta de respeito quando é verdade – interrompeu. Por exemplo, o teu governo pensa em vender o MUSEU NACIONAL DA CULTURA COKWÉ para uma equipa europeia, o Senhor já sabia disso, o que o Sr. Jornalista fez ou pensa em fazer para que isso não aconteça

- ...

- Foi o que pensei, o senhor ficará em casa assistindo tudo no conforto do seu sofá, mas eu não, eu pretendo manifestar, então convido todo mundo, vamos manifestar contra esta decisão. Se eles realizarem esta venda – Tchilonda falava encarando as câmaras, estava sério. – Eles estarão a vender-nos, estarão a vender a nossa cultura e nós não existimos sem cultura. África não existe sem cultura...

- Nós vamos para um rápido intervalo e voltamos já. – O jornalista interrompeu o discurso do Tchilonda.

Tchilonda deu um sorriso, levantou do sofá e encarou o jornalista antes de retirar-se do estúdio.

- A última peça feita pela minha família encontra-se naquele Museu – um fio de água escorreu pelo olho direito. – Se eles venderem aquele museu,

estarão vendendo a única coisa que me torna um Muthue, eu não posso aceitar que eles vendam o meu legado.

CAPÍTULO 13

_ Este sempre foi o plano, bonitinha – Respondeu O SEGURANÇA com um sorriso no rosto enquanto encarava a estatueta Lwena. – Como está o nosso plano B?

_ Está a decorrer da melhor maneira possível, mas temos que sair daqui agora, tem alguém tentando me... - respirou fundo, aquele pensamento parecia surreal, ninguém seria capaz de invadir os seus sistemas. – Temos que sair daqui, agora.

- Eu acho que...
- Tu não achas nada merda – vociferou. – Sai daí agora.

Kappa falava com lágrimas nos olhos, sentindo que o seu amado estava a escapar das suas mãos, mais uma vez. Ela lembrou-se quando os dois se conheceram no colégio. Nos primeiros dias, Kappa não queria saber de um menino do interior, chato, pegajoso, em seu encalço. Detestava-o. Ofendia-o sempre que tivesse oportunidade.

Depois de um mês a implicância tornou-se em alguma coisa, ela passara a proteger-lhe das amigas que tentavam fazer-lhe bullying. Encarava-o de forma diferente. Passaram a conversar mais, toques sutis começavam a surgir. Os primeiros toques eram tímidos, longe dos olhares da maioria. Ninguém poderia saber que a filha do General Kiembe estava de paixonetas com um bastardo do interior, que mal sabia falar o português.

Mas os beijos começaram a ser frequentes, em todos os lugares, na presença de todo mundo. Até que o General Kiembe descobriu e os proibiu de se verem novamente.

- Mas eu o amo, pai – justificava ela esperançosa, tentando dissuadir a posição do pai.

- Eu disse que não te quero ver com nenhum homem, essa é a última vez que falo, você me ouviu Kiari Kiembe – gritava o general furioso, socava nas coisas, apontava o seu dedo em riste e dizia que não queria que homem algum tocasse na sua filha.

Kappa ficou algum tempo sem ver o seu amado, mas depois cedeu a vontade do seu coração – segundo os romancistas incuráveis. – O general Kiembe descobriu que a filha estava a encontrar-se com o mesmo garoto às escondidas, partiu as coisas, gritou, saiu do quartel general irritado. Pediu para o motorista ir buscar a sua filha na escola e lhe levar para casa urgentemente.

Quando o General chegou a casa, puxou Kappa até ao quarto dele que já tinha uma câmara filmando o local, fez a filha sentar na cama enquanto girava no quarto furioso, discursando alguma coisa sobre honra, bom nome da família, respeito pelos mais velhos e cumprimento da tradição.

- A tua sorte é que eu não conheço esse rapaz, porque se não ele iria aprender por ter colocado as suas mãos imundas na minha filha, no meu tesouro – tirava o cinto enquanto falava.

Kappa balbuciou alguma coisa enquanto levantava da cama, dirigindo-se para o pai com a intenção de o acalmar, já era muito adulta para levar uma surra de cinto e ela não estava disposta a ser espancada por um motivo tão frívolo. Quando piscou os olhos, ela já estava deitada na cama e o pai estava em cima dela, obrigando-a a despir-se. Tentou resistir, mas o pai era mais forte e acabou lhe vencendo com vários golpes no estomago, no rosto, imobilizando-a.

O SEGURANÇA apareceu durante os meses que ela estava fora de casa e assassinou o pai. Ela chorou, afinal perdera o pai, mas ficou aliviada por que alguém a salvou das garras de um monstro.

Quando fora presa por ter hakeado o Banco Nacional, O SEGURANÇA apareceu novamente e a tirou da cadeia na mesma noite. Assassinou os dois

homens que entraram na cadeia disfarçados de funcionários do local, para lhe matar.

Três batidas seguidas na porta traseira do furgão despertaram Kappa daquela odisseia. Verificou rápido nas imagens de um computador e avistou um homem, alto, magro, usando uniforme policial.

- Chefe tem um polícia aqui.
- Ele está carregando uma arma
- Não está, acho que é apenas um policial a paisana.
- Que bom, sabes o que fazer.

Ela sabia o que aquela frase queria dizer, foi ela quem apresentou a ideia. Sem testemunhas, sem pontas soltas.

CAPÍTULO 14

Kappa abriu a porta traseira do furgão para encarar o policial chato – Que tipo de policial fica andando em becos escuros à procura de furgões suspeitos. – Ela ficava matutando, isso enquanto o policial com ossos a mais no corpo todo a inquiria.

- Boa noite minha Senhora. – Falou o policial.

- Boa noite Sr. Agente.

- A Sra senhora está sozinha?

Policiais são chatos.

- Estou sim, Sr. Agente.

- Me chame de André, por favor. – Falou ele com um sorriso no rosto, o tipo de sorriso que só aparece no rosto de quem ganhou na loteria, ou espera ganhar. Que nojo. – Muito prazer, Sr. Agente André.

- O cara está se atirando pra você? – O SEGURANÇA questionava pelo auscultador no ouvido de Kappa. – Se livra dele o mais rápido possível.

- Preciso ver os documentos do carro e da Sra.

- Tá bem, vou pegar. – Kappa desceu do carro pela traseira, fechando a porta atrás de si, caminhou até a porta do passageiro para tirar os documentos que estavam no bolso da sua calça. Ela não poderia dizer o seu nome ao policial, era uma fugitiva. Há dois anos atrás envolveu-se na manifestação contra a privatização do Museu Nacional da Cultura Cokwé, no mesmo período esvaziou as contas do Banco Nacional. - Só um minuto sr. Agente – Falou enquanto abria a bolsa que estava no banco do passageiro.

Kappa segurou num amontoado de papel que parecia ser o documento do carro e escondeu um dispositivo minúsculo nas suas pequenas mãos. Ao virar-se para encarar o policial, os documentos caíram no chão.

- Me desculpa sr. Agente – baixou para pegar a documentação, mas o policial foi mais rápido. Ela deu um sorriso enquanto colocava o dispositivo no pescoço do agente que caiu no chão sem resistir. – Palhaço, depois acham-se superiores... - Fala enquanto apanhava os documentos e tirava o dispositivo do pescoço do policial.

- E pensar que algum dia seria útil – olhava para o dispositivo na palma da sua mão. - Kappa desenvolveu o dispositivo depois de ter sido estuprada pelo pai, precisava de alguma coisa que a transmitisse segurança e não poderia esperar que O SEGURANÇA estivesse disponível vinte e quatro horas por dia para a salvar. O dispositivo transmitia ondas electromagnéticas tão fortes que desorientavam o cérebro do indivíduo que entrasse em contacto com o dispositivo e o mesmo acabava por desmaiar. Kappa sabia que O SEGURANÇA queria que ela matasse o policial, mas ela não tinha audácia suficiente, era humana demais.

Colocou a documentação no lugar em que estivera, arrastou o corpo do policial desmaiado para atrás de um caixote de lixo que se encontrava a alguns metros do furgão e voltou a correr para a traseira do furgão. Quando sentou em frente ao computador, notou que um ponto vermelho piscava sem parar no mapa da cidade que aparecia numa das telas que estavam à sua frente.

- Merda... merda... merda... - desesperou-se. – Chefe sai daí agora, eles conseguiram invadir o meu sistema... - Já estão a caminho?

- Já. – Gritou. – Eles acabaram de destruir os drones, temos que sair daqui rápido.

CAPÍTULO 15

- Vamos pegar esses filhos da puta agora – falava o detective Paulo Novais enquanto colocava o colete a prova de bala. A delegacia encontrava-se destruída, havia cacos espalhados por toda parte. No total cinco agentes foram mortos e dez ficaram feridos. A ambulância já estava no local para prestar os primeiros socorros, alguns canais já começavam a surgir para reportarem os acontecimentos. Ainda era madrugada, mas já não parecia. As ruas estavam movimentadas, cheias de carros e de pessoas. Ambulâncias que iam e vinham, policiais que se preparavam para uma guerra e curiosos que queriam ver o desenrolar da estória com os seus próprios olhos.

- Eu sei que preferíamos acompanhar os nossos parceiros feridos até ao hospital e ficar com eles até melhorarem – o detective sensibilizava a sua equipe. – ou ficar com os nossos camaradas que tombaram nesta fatídica situação, mas não temos esse tempo. Tem um maníaco aí fora que se atreveu a nos atacar na nossa casa, o que devemos fazer?

- Capturá-lo – urravam.

- O que devemos fazer?

- Capturá-lo.

- Então vamos capturar esses filhos da puta, em nome dos nossos companheiros.

- Consegui uma imagem de dentro do Museu – disse a Márcia Abrantes, aproximando o seu dedo na tela do computador para que o Detective pudesse visualizar o individuo que estava no meio do salão com uma estátua na mão. – É O SEGURANÇA.

- Tens a certeza?

- Tenho!

Aquela notícia fez o detective mudar o semblante, se o rosto dele já estava sério antes de saber quem o atacava, tornara-se diabólico. Deixou de ser um simples caso, agora era pessoal. O detective sabia que não poderia deixar O SEGURANÇA escapar novamente, ele tinha que pagar por tudo que havia feito e só uma pessoa tinha capacidades para o capturar, era ele.

- Companheiros – chamou a equipe novamente. – A situação mudou, eu não quero ver ninguém a sair daquele museu, ninguém escapa, se não sair algemado, sairá dentro de um saco preto, vocês me entenderam?

O Detective Paulo Navais, mais conhecido como Sr. Combustível devido ao seu comportamento temperamental, nome que o deixava extremamente irritado. Formou-se na academia militar em Psicologia Forense. Melhor aluno do instituto durante os quatro anos que esteve lá, superando todo mundo na capacidade intelectual e na resistência física.

- Um prodígio. – diziam os seus superiores.

Paulo Novais decidiu seguir a carreira de Detective para vingar o seu pai, que morrera quando ele tinha 14 anos de idade. O pai foi morto após desistir de seguir as pistas que apontavam para o assassino do General Kiembe. Ele fora contratado pela família para esclarecer o caso quando dois Detectives que também desapareceram na época, não haviam dado solução alguma.

O sr. Farias Novais foi encontrado morto na praça da cidade por volta das seis horas da manhã, não havia sangue e havia hematomas pelo corpo todo, indicando tortura. O nome O SEGURANÇA foi novamente relacionado com a morte, mas como sempre, nenhuma pista foi encontrada. Apenas um corpo pendurado, suspenso por uma corda que estava em volta do pescoço do sr. Farias Novais.

Três anos depois, com dezassete anos na altura, Paulo Novais entrou para a academia militar com a intenção de ser o melhor detective para poder vingar a morte do seu pai, mas desde aquela altura que O SEGURANÇA não aparecia. Até hoje. Ele sabia que não teria outra oportunidade, era hoje ou nunca.

CAPÍTULO 16

De acordo com Álvaro Jorge, em 1978 foi constado o desaparecimento da peça do depósito central, entretanto, descoberta em 1996 num leilão na cidade francesa de Saint-Germain, França, a um preço que ultrapassava dez milhões de dólares americanos.

A sua recuperação foi possível por intermédio da antropóloga belga Marie Louis Bastin, que estudou a peça em 1956, tendo informado ao Governo a sua localização. Segundo algumas investigações feitas por entidades não-governamentais, o nome que esteve por trás das negociações da estatueta Lwena foi o do General Kiembe. Mas o caso desapareceu da mídia tão rápido quanto apareceu.

A estatueta, originária do Alto Zambeze, província do Moxico, no leste de Angola, é uma figura antropomórfica em madeira, representando uma mulher de pé, com penteado típico da região e um chifre que contém medicamentos.

O novo director do MUSEU NACIONAL DA CULTURA COKWE, Paulo Farias, disse aos jornalistas na altura, que a peça, usada em ritos ligados à adivinhação, estaria exposta no museu no dia da sua reabertura.

Segundo o director, a escolha desta estatueta para exposição, 19 anos depois da sua chegada ao país, serve para assinalar os anos de independência de Angola, os 40 anos de existência do museu e para celebrar a privatização do museu.

Tchilonda saíra do estúdio com os olhos marejados. Lembrar do seu passado não o deixava feliz, mas não poderia que eles roubassem o legado da sua família, tinha que recuperar a estatueta e faria de tudo para conseguir, mas antes tem algo que as pessoas precisam de assistir.

- Kiari! – Chamou a partir do ponto escuro que tinha na orelha.
- Estou aqui chefe.
- Libera o vídeo.

O jornal das 8h00 da noite acaba de voltar de um intervalo, intervalo que foi usado para interromper o discurso de Tchilonda Muthue, o jornalista não teve tempo de dizer a primeira palavra e o programa foi interrompido. A tela de todo o país ficou preta e uma frase escrita com vermelho sangue surgiu.

O SEGURANÇA.

A palavra ocupava a televisão toda, dava a impressão de que a tinta vermelha de cada letra escorria, como se fosse sangue numa calçada íngreme. A palavra desapareceu e seguiu-se uma sequência de imagens hediondas, cruéis, violentas. Pessoas deitadas no chão, aos montes, como se fossem animais no matadouro. Quer dizer, aquilo era o matadouro, para humanos.

- Por favor não nos matem – imploravam cinco pessoas que estavam de joelhos, perto de vários corpos que até a alguns minutos ainda estavam vivos. Dentre as cinco pessoas, haviam duas crianças aos prantos, elas se agarravam com toda força a um homem, um Senhor que aparentava ter pelo menos cinquenta e poucos anos de idade, envolvia-as nos seus braços, uma de cada lado.

- Elas são apenas crianças – gritava o homem para o seu algoz, na esperança de que aquilo adiantasse, de que aquilo mudasse alguma coisa, de que pelo menos as crianças pudessem viver. Mas não era a intenção dos algozes que puxaram o gatilho de várias armas automáticas e atingiram as cinco pessoas sem hesitar. Os cinco corpos caíram no chão, sem folego. Os braços do homem ainda envolviam os corpos das crianças, já sem vida.

Ouviram-se passos na sala e algumas gargalhadas invadiram o silêncio aterrador que havia se instalado no espaço depois dos disparos cessarem. As

gargalhadas continuaram. Era impossível saber se aquelas gargalhadas eram de felicidade ou de medo. Parecia um filme de terror dos anos 70, uma encarnação do Fred Kruger, mas usando armas de fogo, ou talvez alguém pior.

Três homens apareceram no vídeo com armas nas mãos, de costas para a câmara mas de frente para os corpos ensanguentados, sem vida, estendidos no chão. Os homens conversavam, mas não se percebia nada, falavam num idioma estranho, gesticulavam incessantemente com as armas ora apontando para os mortos, ora apontando para o ar. A conversa estava animada, gargalhavam sem parar e saltitavam sem parar. O som do vídeo sumiu e uma voz metálica surgiu, abafando as gargalhadas dos homens. A voz metálica que parecia não pertencer a nenhum dos três, começou um discurso.

-- Eles dizem que eu sou sociopata por ter executado o general Kiembe, aquele homem desprezível... – Continuou depois de uma pausa longa. – O mesmo general Kiembe que violentou a sua filha de 16 anos. O mesmo general que tentou vender no mercado negro, uma estatueta que pertence à minha família muito antes de o país se tornar independente. O mesmo geral Kiembe que assassinou brutalmente mais de mil camponeses em dois anos. – Um silêncio seguiu-se.

- Eles me chamam de sociopata, mas o que eles são? As imagens que vocês acabaram de presenciar foi filmada no dia 27 de Maio de 1977. Aonde milhares de pessoas inocentes foram brutalmente assassinadas pelo regime ditador que não aceita ser contestado, que não aceita quem pensa diferente, que elimina os intelectuais porque é mais fácil aldrabar, governar os analfabetos.

- Eles me chamam de assassino, mas o que eles são? – O vídeo parou e a voz metálica sumiu, deixando a pergunta pairando no ar.

CAPÍTULO 17

As sirenes da polícia já se ouviam cada vez mais perto do museu. O alarme do museu não parava de tocar. O SEGURANÇA ainda estava no meio da sala principal encarando a estatueta Lwena, aliviado por lhe ter encontrado antes de desaparecer novamente. Também confuso com o que será dele a partir daquele momento. Alguma coisa o inquietava e isso raramente acontecia. Sempre tivera certeza sobre as coisas que poderia fazer, o que poderia falar, aonde poderia pisar. Mas alguma coisa o incomodava. Uma sensação de vazio absoluto tomava conta do seu âmago. Notava-se que estava desamparado.

_ Porquê você recuperou a estatueta? – kappa gritava do outro lado dos fones. – Se tu morreres agora, essa estatueta continuará com eles. Com as mesmas pessoas que você passou a vida toda a lutar. Com o mesmo sistema que ao invés de valorizar, destruiu a cultura do seu povo e roubou o legado da sua família sem se preocupar contigo... - Saía daí - continuou kappa. – Já conseguimos porras. Saía da...

- Diz no Gigante para levar todas peças a casa da MAMÃ ÁFRICA, ela é a única que poderá cuidar bem delas.
- Tu não queres fazer isso, Chefe, eles já estão na porta do Museu, mas ainda consegues sair, não cometas esse erro.
- Tudo bem, fique calma. Vá pra casa, eu dou jeito aqui.

As sirenes se ouviam na porta do Museu. Os policiais desciam dos carros com pressa, armas apontavam por todo lado. Alguns cercavam o edifício, outros se posicionavam em edifícios próximos com armas de grande calibre apontadas para as portas e janelas do Museu. Dois helicópteros patrulhavam a área com grandes holofotes focando para o chão.

Dois carros da polícia formaram uma barricada em frente à porta do Museu. O detective estava atrás dos carros com um dispositivo que servia para ampliar

a voz, esperando Márcia Abrantes que se aproximava dele com um tablet na mão.

- O que ele está a fazer?
- Continua parado no meio do salão - Que estatueta é aquela?
- É uma chamada KAPONHA Wa PWO, ou simplesmente Estatueta Lwena. Não consigo achar uma informação que corresponda à origem e à ligação dele com esta peça.

- Continua procurando. Quem mais está no Museu?
- Apenas ele.
- Cade os seguranças?
- O responsável pela gerência do Museu disse que hoje apenas um estaria a trabalhar, ele está vindo para cá pra poder nos passar mais informação mas parece que o trabalhador de hoje é o nosso famoso SEGURANÇA, repara no uniforme – Márcia falou apontando para o tablet aonde O SEGURANÇA ainda estava parado, encarando a estatueta.

- Esse filho da puta... - O detective virou para a porta do Museu, levou o amplificador de voz à boca e disse:

- Só tem duas formas disso terminar – fez uma pausa para ver se O

SEGURANÇA havia se mexido, mas notou que não. – OU você sai com as mãos para cima e deixa que eu coloque as algemas nos teus pulsos, ou eu e os meus homens entramos aí e colocamos o teu corpo dentro de um saco preto, você escolhe.

- Lhe fala... - Um mendigo carregando uma trouxa nas costas gritava do outro lado da faixa vermelha que a polícia colocou em volta do quarteirão para que ninguém passasse, mas o mendigo atravessou a faixa

e dirigia-se para o detective, gesticulando freneticamente, cuspiendo sempre que dizia alguma coisa. – Vamos te matar seu matador de bebés, seu.... – Engasgou-se

Alguns policiais tentaram lhe parar, mas o mendigo de estatura média, gordinho, correu em direcção ao detective e o abraçou nos pés. – Querem me comer pai, me salva. – Repetia essa frase sem parar.

- Não deixes... Não deixes me comerem... Não deixes...

- De onde esse maluco saiu? – Questionou o Detective. O detective estava irritado, querendo acertar as contas com o homem que matou o seu pai. Não queria que a operação desse errada.

A pergunta ficou pairando no ar, ninguém respondeu, ninguém queria ser vítima da ira do detective.

Dois policiais enormes seguraram no mendigo e o arrastaram até fora das faixas amarelas.

- Seus malvados... - disse o mendigo. Cuspiu no chão e começou a correr para longe do museu agitando os braços em cima da cabeça, como se estivesse a expulsar um enxame. – Eles querem me comer, estão chegando. – Não parava de gritar. Passou pela discoteca Kanawa que ainda estava a tocar, mas já não havia ninguém dentro, fez uma curva à direita e desapareceu.

- Cada doido varrido nesse mundo - falou o Detective com asco.

CAPÍTULO 18

O céu estava nublado, o Hublot de Tchilonda marcava 21h30. Cogitou em voltar para casa, para os braços de Kiari Kiembe, os braços da sua amada, mas a transmissão do vídeo lhe deixou pensativo, precisava de caminhar, sentir a brisa fresca no seu rosto, desanuviar.

Olhou para a tela do telefone e viu que Kiari estava a ligar.

- Estás a demorar
- Eu sei...

Um suspiro, um silêncio longo demais...

- Está tudo bem, Tchilonda?

- Ouve... Eles irão atacar, dessa vez não será uma simples ameaça... - Tchilonda parecia exausto, confuso. Uma manifestação se aproximava e ele queria estar na frente de tudo aquilo, as pessoas começavam a mudar de pensamento por sua causa, ele queria presenciar a mudança, mas também queria sumir, desaparecer, abandonar tudo aquilo e descansar em algum lugar paradisíaco, meditar em algum templo até atingir a iluminação, alcançar o buda e quebrar o ciclo de reencarnações, se é que isso existisse.

- Eu sei...
- Eles irão atacar as pessoas próximas a mim para me atingir.
- Eu sei... - soluços que indicavam choros do outro lado da linha, Kiari tinha consciência do que estava a acontecer, era uma despedida, ela temia que isso acontecesse. - Volta para casa e vamos conversar com calma, vamos lidar com isso juntos...

Eu... - Tchilonda parou de falar, à luz dos faróis de um carro o atingiram no rosto fazendo com ele virasse a cara para se proteger. Neste instante, notou que dois

homens estavam alguns metros atrás de si, os homens pareciam seguranças particulares. Usavam ternos pretos meticulosamente delineados para os seus corpos altos e musculosos. Os homens pararam de repente, notando que Tchilonda os encarava, um deles virou para o outro e fingiu endireita-lo a gola da camisa, conversavam alguma coisa, gesticulavam, parecia que estavam articular algum plano.

- Se o Pambu Dikolo estivesse aqui...

Tchilonda não tinha família, pelo menos até onde ele sabia. Quando chegou à capital viveu sozinho durante dois anos, depois a família de Pambu o adoptou. Pambu parecia feliz por ter ganho uma companhia visto que ele era o único homem no meio de quatro mulheres, o último filho. Pambu era o mais velho e começou a defender o novo irmão com tudo que tinha, chegando a ir preso por duas vezes quando feriu dois matulões que ridicularizavam o sotaque do interior que o Tchilonda tinha. Tchilonda sabia se defender, fez isso durante toda sua vida, mas submeteu-se à protecção oferecida por Pambu, ele nunca tivera alguém que lutasse por ele, ao seu lado e, isso fez com que ele descansasse quando o Pambu começou a defende-lo incondicionalmente

...

- Como assim?
- Estou sendo seguido.
- Por quem? Corre.
- Não adianta Kiari, eles parecem profissionais, irão me pegar de qualquer jeito.

Kiari teve a certeza, Tchilonda estava cansado. Alguma coisa o fez perder o foco ou o seu passado apareceu para o assombrar, mas qual passado.

- Tchilonda eu não permito com que tu desistas agora, não quando a gente chegou tão distante, corra - gritou.

Tchilonda deu alguns passos apressados, olhou para trás e os homens ainda estavam parados no mesmo lugar, na mesma posição, fazendo os mesmos gestos. Continuou com os passos cada vez mais acelerados, o telefone continuava no ouvido, ouvindo a voz de Kiari que não desistira, ele não poderia ser o único a desistir. Começou a correr à procura de algum abrigo para se esconder, ouvia os passos dos homens, não pareciam passos de apenas dois homens, haviam mais. Talvez os sinais que eles estavam a fazer fosse para outras pessoas, outros homens encarregados para lhe matar.

- Quem me mandou deixar o carro, merda – Falava enquanto desligava o telefone para lhe facilitar correr. Entrou num beco apertado e escondeu-se por trás de umas tralhas que estavam no fundo do beco. Respirava fundo. Espreitava para ver se conseguira despistar os homens. Não conseguia avistar nada, nem um único vulto, nenhuma alma. Respirou fundo, estava mais calmo, conseguiu despistar os homens.

Esperou por mais alguns minutos e depois levantou-se, não poderia passar a noite naquele lugar.

Marcou alguns passos, deixando o esconderijo para trás, caminhava com cautela, olhando para todos os lados, não poderia correr o risco de chamar a atenção dos homens, talvez eles ainda estivessem por perto. O telefone chamou e Tchilonda teve que se apressar para desliga-lo, na tentativa de o fazer, o aparelho caiu ao chão e ele seguiu rápido, desligou, respirou fundo ainda olhando para baixo, quando se levantou, um homem estava à sua frente apontando-lhe uma arma, assustou-se, mas permaneceu no mesmo lugar. Forçou um sorriso.

- E pensar que eu vos havia despistado.
- sr. Tchilonda – Falou o homem dono de uma voz máscula, com presença, cheia de testosteronas. – O sistema que você tanto odeia te mandou cumprimentos.- Atirou para o ombro esquerdo de Tchilonda, sem piscar.
- Diga ao sistema que precisará fazer mais do que isso para me matar, a revolução já não precisa de mim para continuar, outras pessoas darão sequência ao meu trabalho. – Falava com agonia, estendido no chão, pressionando o ombro machucado com a mão direita.
- A gente sabe disso. – O homem apontou a arma na cabeça de Tchilonda, era final de tudo. Levou o dedo até ao gatilho, respirou fundo e um disparo se ouviu.

CAPÍTULO 19

O SEGURANÇA continuava na mesma posição, sem mexer-se, apenas observava a estatueta que estava na sua mão e murmurava alguma coisa, parecia conversar com alguém.

- Descobri – Marcia Abrantes vinha correndo em direcção detective. – Descobri a relação da estatueta com este homem.

O detective assentiu, dando permissão para a colega continuar o raciocínio.

- A peça que ele está a segurar é chamada de KAPONHA WA PWO ou simplesmente Estatueta Lwena, tem origem kioca e foi feita no século passado. Advinha qual é o nome que está relacionado com a existência da peça?

- Não é tempo para adivinhar. – O detective estava mau humorado.

- Família Muthue, este homem que está aí dentro é descendente do homem que fez a ESTATUETA LWENA e...

- Não pode ser. – Exclamou o Detective.

- Pode e é, ele é o Tchilonda Muthue.

O detective parecia surpreso com a notícia. Ele ouvira falar do nome Tchilonda Muthue quando estava no último ano da Academia Militar – O Jovem que até o presidente o temia. – Esta frase era constantemente citada pelos seus colegas. Os seus superiores também temiam o jovem, sentiam raiva sempre que Tchilonda discursava em algum lugar, sempre que se pronunciava sobre alguma situação.

- Tchilonda Muthue está morto. – Afirmou. Custava-lhe crer que o homem que ele tanto admirou pudesse ser o assassino que ele tanto odeia.

- Tchilonda Muthue está dentro desse museu segurando uma estatueta. Ele parece diferente, o rosto está diferente, parece que ele fez uma operação

plástica, está um pouco gordo, mas ele é sem dúvida o Tchilonda que foi morto há dois anos atrás.

O detective parecia desorientado, não acreditava. A dois anos quando ele apercebeu-se da morte de Tchilonda Muthue ficou irritado, chorou. A sua equipa pegou o caso mas não conseguiram encontrar nenhuma resposta, nem o corpo de Tchilonda eles virão. Apenas resíduos do sangue dele fora encontrado a ermo num beco estreito, ao lado do corpo de um homem desconhecido que havia levado um tiro da cabeça, o homem estava deitado e tinha uma arma na mão.

A polícia emitiu um mandato de captura ao Tchilonda Muthue pela morte do homem desconhecido, mas não conseguiram de o encontrar em lugar nenhum, como havia uma enorme quantidade de sangue que parecia ser de Tchilonda, chegaram à conclusão que ele também havia morrido, teve força de sair do beco, mas com certeza morreu.

- Esse filho da puta andou a mentir durante esse tempo todo. – O Detective parecia mais irado. – Não há mais negociações, vamos entrar.

O detective fez sinal aos seus companheiros que se empertigaram na porta com o objectivo de entrar, dois deles foram até a porta e colocaram um explosivo e voltaram para as suas posições distante da porta. O detective voltou a encarar o tablet que transmitia a imagem de Tchilonda Muthue e ele já não estava na mesma posição. Escrevera alguma coisa numa frase e mostrou para a câmara.

Se eu fosse você não faria isso, Paulo Novais. Mas podes vir, estou pronto.

Aquela frase estremeceu o detective, como assim estou pronto.

- O filho da puta me conhece. – Sorriu. – Finalmente um inimigo à altura. – Aquilo parecia um jogo e nenhum dos lados estava disposto a perder a batalha, essa séria a última jogada dos dois.

O detective verificou a sua munição, estava completa. Ele tinha que colocar um fim naquilo tudo. Aproximou-se da cavalaria que se preparava para invadir o museu. Fez sinal para um dos seus parceiros e este apertou um controlo remoto, explodindo a porta do museu.

Os agentes começaram a entrar no museu, faziam sinais, códigos que aprenderam na recruta. Nenhuma palavra era pronunciada, apenas sinais, todos estavam extraordinariamente coordenados, um protegendo o outro. O detective estava à frente da operação, não queria que outra pessoa lhe tirasse o prazer de matar o assassino do seu pai.

Eles passaram pela recepção do museu, adentraram no grande salão do museu, aonde se encontrava o Tchilonda Muthue, mas ele já estava lá. O salão estava vazio, sem nenhuma peça, sem nenhuma escultura. Havia uma porta à esquerda e o Detective fez sinal para dois homens irem verificar. Ele continuou girando no salão, cautelosamente. A arma pronta. O dedo no gatilho. A respiração calma. A atenção triplicada. Não se poderia confiar na mente de um doente com complexos divinos. O detective sabia disso e estava disposto a apertar o gatilho assim que o visse, sem mais conversa.

Dois minutos procurando o Tchilonda e ninguém o achava, todos os compartimentos já haviam sido revistados, não havia nenhum sinal dele. Todos os homens estavam no salão, atentos, esperando o detective dar a ordem para se retirarem, o Tchilonda não estava no museu. De repente, o alarme do museu parou de tocar, as luzes acenderam, estava tão claro que chegava a ferir os olhos, os agentes tiveram que franzir o cenho para continuarem a enxergar. Numa das paredes estava escrito o seguinte.

Se tu fores um mendigo, serás um homem invisível, e se tu fores um homem invisível, poderás brincar com a cara do inimigo que ele nem te irá notar.

O detective lembrou do mendigo que havia lhe abraçado há alguns minutos atrás. O coração começou a bater mais rápido. Deixou escapar o assassino do seu pai e nem se quer se apercebeu.

- O que é?. – um dos agentes se dirigia para o outro, questionando a luz vermelha que vinha do uniforme do colega. – É um dispositivo de trans... merda.

O detective virou-se para encarar os parceiros que estavam a procurar alguma coisa nas suas fardas.

- O que foi? - Questionou impaciente.
- Ele colocou uma bomba em nós. Tirem todos as roupas..

Os homens despiam-se rapidamente, largavam as armas no chão. O detective também começou a despir-se quando notou o ponto vermelho que piscava na sua roupa. Largou a arma no chão, descalçou as botas com rapidez, começava a tirar o colete e de repente... O museu todo foi engolido por uma explosão. Os edifícios próximos foram atingidos com o impacto da explosão, alguns carros foram jogados para longe, as pessoas que estavam fora acabaram mortas, feridas ou jogadas para longe.

Um caos completo. Alguns levantavam desorientados. Pessoas correndo desesperadas para apagar o fogo nas suas roupas. Cacos estavam espalhados por toda parte, alguns policiais começaram levantar-se, tentando entender o que havia acontecido.

- Não pode ser... - Gritava Márcia Abrantes aos prontos, que foram jogados para longe pelo impacto da explosão. – Por favor me dizem que não é verdade.

O fogo no museu começa se espalhar para os edifícios vizinhos. Os bombeiros foram chamados para conter as chamas. Nenhum homem saía de dentro do museu e nenhum homem conseguiria entrar. O tecto havia desabado, as chamas estavam cada vez maiores e cada vez mais quentes. Era impossível pensar na possibilidade de sobreviventes.

CAPÍTULO 20

Fazia dois meses que Tchilonda Muthue fora dado como morto. O que ele havia dito na sua última entrevista acabou por acontecer. O governo privatizou O MUSEU NACIONAL DA CULTURA COKWÉ a uma equipa europeia. Quando a notícia chegou ao público, as pessoas saíram para as ruas a fim de se manifestarem. Foram espancadas pela polícia e no dia seguinte voltaram para as ruas.

Cartazes com frases do SEGURANÇA foram usadas por algumas pessoas. - MATAR UM POLÍTICO CORRUPTO É AUTODEFESA. MORTE AOS CORRUPTOS.- Várias pessoas aderiram à manifestação. Questionavam o desaparecimento do Tchilonda Muthue, o corpo que fora encontrado no beco ao lado do sangue de Tchilona.

A polícia voltava a espancar os manifestantes, paravam a manifestação, dia seguinte o povo voltava a reunir-se, gritando mais alto que no dia anterior, com novas placas, novas frases, novos rostos, o mesmo objectivo.

Kiari Kiembe, enlutada, fugitiva, maquiava o seu rosto para não ser reconhecida, segurava a sua placa com a mensagem- QUEIMEM A CONSTITUIÇÃO OU NOS DEIXEM EXERCER OS NOSSOS DIREITOS. - caminhava até ao ponto de encontro e se prostrava na linha da frente, gritando mais do que qualquer um. A polícia voltava a atacar, ela corria para não ser apanhada e ser descoberta. No dia seguinte, voltava a reunir-se com os seus companheiros, em nome de uma causa. Em nome de uma cultura. Em nome de uma identidade, tradição. Em nome um povo.

Um ano depois da morte de Tchilonda Muthue, Kiari Kiembe recebeu uma carta.

Depois de eu ter saído do programa e tu teres exibido o vídeo em rede nacional, eu preferi caminhar um pouco para relaxar os pensamentos, desanuviar. Até tu me ligares eu não havia percebido que estava sendo seguido por dois homens, tal como havia comentado ao telefone.

Comecei a correr, por que tu estavas a gritar comigo, me escondi num beco escuro, cheio de lixo, esperei por alguns minutos até que tivesse a certeza que os homens já haviam voltado para casa e porque os meus pés já estavam a formigar devido à posição que eu me encontrava. Quando levantei para ir embora, me deparei com um dos homens que me perseguia e este atirou no meu ombro esquerdo e quando estava para atirar na minha cabeça, o Pambu Díkolo apareceu e atirou na cabeça dele, me salvando a vida, mais uma vez.

Infelizmente perdi muito sangue e acabei entrando em coma durante este tempo todo.

Eles me transformaram num monstro, então eu serei, Kíari.

Eles estão com a escultura da minha família no MUSEU NACIONAL DA CULTURA COWÉ, o museu que eles venderam aos estrangeiros, eu preciso tirar ela daquele lugar o mais rápido possível, mas tem que ser um dia antes da sua abertura.

Acabei de ser contratado como um dos seguranças do Museu, mas não tenho autorização para passar da recepção, aquilo está cheio de aparelhos eletrónicos e trancas e portas automáticas. Vamos fazer isso Kíari, nós três, novamente.

FIM

Sobre o Autor



Gilberto Mufungueno Pinhão Chicanha
Filho de Jones Pinhão Chicanha e de Ana Tchissua Salusseque, Nascido
aos 19/09/1996.

Natural de Luena/ Moxico
Estudante do 2º ano em Hotelaria e Turismo no Instituto Superior De Ciência
e Tecnologia.

Sou rapper, escritor e activista.

KAPHONHA WA PWO (COMO SERIA UMA REVOLUÇÃO?)

Autor: Gilberto M.P. Chicanha

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Gilberto M.P. Chicanha

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PAÍSES" AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

